

# País define posição para a reunião dos devedores

**CARLOS CONDE**  
Da sucursal de Brasília

O governo brasileiro espera definir, nesta semana, uma posição sólida e coordenada para atuar no encontro que os principais devedores da América Latina realizarão dias 14 e 15 próximos, em local ainda não definido. É assim que uma alta fonte do governo examina antecipadamente a reunião que os ministros Saraiá Guerreiro, Delfim Netto e Ernane Galvães vão promover nos próximos dias, quase certamente no Palácio Itamaraty.

Esse encontro, segundo a fonte, resulta da necessidade de ajustar, em uma só posição, os aspectos técnico e político da negociação da dívida externa brasileira. O primeiro prevaleceu até agora, mas a dramaticidade na situação valorizou o item político e despertou os devedores do Sul para a exigência de atuarem coordenados perante os credores do Norte.

A reunião desta semana será realizada, no entender da fonte, sob um clima de perfeito entendimento entre Guerreiro, Delfim e Galvães. O Itamaraty apressou-se em fazer um desmentido oficial quando especulações procedentes de Pequim, no meio da semana passada, falavam em desentendimentos sérios entre o chanceler e o chefe da estratégia econômica.

A chancelaria destacou uma porta-voz para ditar aos jornalistas uma declaração: "A viagem continua transcorrendo normalmente, sem qualquer problema". O porta-voz Bernardo Pericás confirmava enfaticamente esse panorama ao descer sexta-feira na base aérea de Brasília. E um seu colega do gabinete do chanceler, para colocar no ridículo qualquer versão sombria, pilharia ainda na base: o Guerreiro realmente saiu muito ferido do confrontamento com Delfim...

Esse assessor, que por suas funções mantém contato permanente com o ministro do Planejamento, jura que a conversa entre Guerreiro e Delfim foi extremamente cordial no Grande Palácio do Povo. Deve ser creditada apenas ao espírito irônico do comandante da linha econômica brasileira sua afirmativa, em Tóquio, de que o Itamaraty está subindo, subindo muito, subindo mais que um avião.

Assegurado esse clima quase ameno para a reunião de Guerreiro, Delfim e Galvães, os respectivos assessores tratam de definir o que seja aspecto técnico e político. O primeiro diria respeito à relação com os banqueiros internacionais (que são a maioria dos credores reais), ao perfil da dívida e às condições de pagamento, incluídos nela juros e prazos. O aspecto político perseguiria uma atitude capaz de sensibilizar os credores para a necessidade de medidas concretas, que façam reverter as conhecidas dificuldades atuais.

A alta fonte governamental nega que o aspecto político esteja prevalecendo apenas agora, e que o Itamaraty de súbito tenha sido engajado no esforço de criar as condições indispensáveis para o pagamento da dívida externa. Ela recorda que já no encontro presidencial de Cancún (em que o presidente Figueiredo foi representado pelo chanceler Guerreiro) foi enfatizada a visão política do problema. Esse é o que ganharia contornos ainda mais fortes no

discurso que o chefe de governo brasileiro pronunciou perante a Assembléia Geral das Nações Unidas. A partir desses passos iniciais o alerta brasileiro foi crescendo, até somar-se recentemente ao de seus parceiros latino-americanos, em busca de uma ação comum.

## OBJETIVOS

A alta fonte governamental define o encontro programado para dias 14 e 15 como um esforço integrado destinado a sensibilizar os agentes do governo e os financeiros para criar novas regras do jogo. Tornou-se impossível, para os devedores, atuar sob os atuais parâmetros. Todas as iniciativas que eles adotaram, para ajustar-se aos tempos difíceis de agora, foram em vão. O esforço para ampliar exportações foi tragado pelo protecionismo e pela alta das taxas de juros, os próprios banqueiros e alguns governos do Primeiro Mundo mais envolvidos no assunto já perceberam que do jeito que as coisas vão eles podem matar a galinha dos ovos de ouro, lembra a fonte. Assim, todos nós estamos no mesmo barco para salvá-la.

A frente de países latino-americanos com dívidas elevadas não quer assustar os credores. Por isso, a fonte insiste em um ponto: "Não estamos preparando um clube dos devedores, uma investida de oposição aos credores. Não haverá isso. Nossa intenção é acentuar o esforço coordenado em prol de uma solução de consenso".

A fonte adverte que os devedores não estão propondo uma reunião com os ricos, "mas estamos abertos ao diálogo". Para que o diálogo se inicie formalmente, as nações do Sul tomaram a iniciativa de enviar às do Norte a nota conjunta assinada dia 19 de maio por Brasil, Argentina, México e Colômbia.

Os primeiros sinais de reação dos países credores começam a chegar e são moderadamente encorajadores. Grã-Bretanha, Japão e República Federal da Alemanha prometem ficar atentos aos problemas da dívida externa. Mas a fonte aponta a principal resistência: os Estados Unidos. Como peso decisivo no Primeiro Mundo, Washington teria que demonstrar boa vontade política a fim de que as regras do jogo pudessem efetivamente mudar. E ainda não chegou qualquer mensagem direta ou indireta do governo Ronald Reagan nesse sentido.

## FATOS

"Os fatos estão aí, não são só palavras". É o que a alta fonte governamental diz para referir-se a casos concretos das últimas semanas. Ela recorda os distúrbios sociais na República Dominicana e a decisão do governo boliviano de Siles Zuazo de inclinar-se pela moratória.

A fonte comenta: quando as dificuldades econômicas se agravam e se transformam em conflitos de rua alguma providência deve ser adotada com rapidez e seriedade: "Como foi dito na nota do dia 19 de maio, temos feito um grande esforço de ajustamento a um mundo de crise. Mas nem esse recurso é mais suficiente para contornar os problemas. É necessário buscar o entendimento global. Dias 14 e 15 nós, da América Latina, vamos sentar-nos para encontrar uma saída comum". Os ministros Guerreiro, Delfim e Galvães vão definir, nos próximos dias, que papel cabe ao Brasil nesse esforço.